



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

Segunda-feira à noite

*«Ὁ Βομ, disseste aos teus discípulos para ficar atentos,
pois não sabem a hora em que virás para retribuir a cada um».*

(Ode IV do Serviço)

O evangelho de hoje é um manifesto contra o *establishment* religioso da época. E, claro, contra um dos flagelos que abala o homem em geral, a **hipocrisia**.

Sempre que este evangelho é lido, todos os anos, desperta-me comoção. Não tenho escolha a não ser fazer meu *«mea culpa»*, especialmente no que diz respeito às minhas ações como sacerdote e, claro, como pessoa. Parece que o Messias está se dirigindo diretamente a mim. E não se trata de culpa. Suas palavras e conceitos são muito claros, diretos e sem concessões. É uma reprovação que penetra a alma, e eu não posso fazer ouvidos de surdo.

A hipocrisia é o duplo padrão que implica comportar-se sistemática e organicamente contrário aos valores espirituais que se professa e proclama. A organicidade e sistema podem ser mais ou menos robustos, de modo que, quanto maior a estrutura da paixão, maior a responsabilidade. É um mal típico dos homens, muito comum no religioso e naqueles que tentam ter uma vida espiritual. Eu me incluo. Acontece comigo. Às vezes é muito difícil perceber e reconhecê-la, pois é uma paixão muito sutil que se infiltra muito sub-repticiamente no intelecto e na capacidade volitiva do homem, muitas vezes sem remédio. Às vezes, quando a sistematicidade é fraca, aparece esporadicamente, mas quando é dinâmica, então se instala de maneira permanente no pensamento e na ação dos homens.

A hipocrisia pressupõe vanglória ou **cenodoxia** -κενοδοξία- e, claro, o orgulho -υπερηφάνεια. Jean Claude Larchet as descreve separadamente, mas enfatiza a interação de ambas as paixões que ele coloca como patrocinadores da hipocrisia e outras paixões: (A Cenodoxia) «Em primeiro lugar está o orgulho de quem é o precursor, o começo e a mãe, bem como de todas as outras paixões que estão vinculadas a ela: blasfêmia, julgamento e o desprezo pelo próximo, o espírito de domínio e o amor ao poder, o endurecimento do coração e a desobediência. Também gera a raiva e todos os seus satélites: ódio, ressentimento, ciúme, discórdia e brigas. Procedem dela, ademais, a mentira, a hipocrisia, a vã loquacidade, a pusilanimidade, a luxúria, a filargiria (avareza) e a pleonexia (ganância) e, como já enfatizamos, a tristeza também procede dela».¹

¹. LARCHET, J.C., *Terapêutica de doenças espirituais*, Follow me, Salamanca 2016, pag. 227.

A **cenodoxia** e o orgulho exaltam o «eu» **imaginário** da pessoa e o colocam como a única referência de toda a realidade. Obviamente, trata-se de uma realidade distorcida e quimérica. A **auto referencialidade** é a característica daqueles que se consideram superiores aos outros, seja por suas posses materiais, ou por suas (supostas) virtudes ou capacidades morais ou espirituais. Então eles precisam continuamente do reconhecimento dos outros e, se não têm, provocam todo o tipo de artimanhas.

Quando somos presas destas paixões vivemos na ignorância. Tudo acontece e se desenvolve no plano da fantasia. A pessoa se isola em um mundo feito à sua imagem e semelhança. A única referência neste mundo é o próprio indivíduo, ou melhor, as supostas capacidades e privilégios que o revelam superior aos demais e, conseqüentemente, com o poder – ascendência – sobre eles. Quando caímos nesta paixão, estamos sempre nos comparando com os outros e fazendo todo o possível para provar nossa superioridade e predominância, e para evitar reconhecer qualquer deficiência que os ameace: «*Como qualquer outra paixão*», diz Larchet, «*submete o homem aos seus desejos carnavais específicos e ao prazer ligado a eles, mas também torna o homem dependente do olhar e consideração de seu próximo, e escravo daqueles a quem ele procura agradar porque espera seus louvores. 'Infeliz de mim', exclama João, o Solitário, 'Deus me criou livre, mas sou dominado por muita gente: sou um escravo do mundo inteiro por causa do desejo de agradar a todos'*».²

A **Hipocrisia**, nesse contexto, é a **apologia do «eu»**, uma técnica deste para sobrepor-se a tudo e a todos, pois a pessoa se considera acima de todo julgamento externo. E, por considerar que ninguém o pode julgar, já que é o único juiz e parâmetro, sente-se com liberdade de pregar algo e fazer o oposto. E, quando alguém se atreve a questionar suas habilidades, sua conduta, sua aparência, ou tudo o que crê ser seu constitutivo impecável, ativa todos os mecanismos próprios de raiva, polêmica e maledicências.

Este manifesto de Jesus ataca diretamente a raiz da hipocrisia no homem. Não diz respeito apenas aos fariseus e escribas. É um remédio – amargo e doloroso – mas necessário para todos aqueles que padecemos destes flagelos espirituais. Mas também é um bálsamo que nos permite *chegar aos nossos* sentidos e reconhecer que não somos o que cremos ser e que realmente «**Outro**» é a fonte de todos os bens, que tem domínio sobre nós e é a única referência da realidade como ela é.

É por isso que a «**confissão de fé**» não é apenas uma mera proclamação doutrinária ou religiosa: *é o princípio da cura deste flagelo*; então reconheço que só Deus é o único parâmetro e sou apenas um **reflexo** – às vezes mais luminoso, às vezes mais opaco – d'Ele; que nada tenho nem sou sem esta relação ontológica e existencial; que não preciso me comparar ou enfrentar ninguém, pois existe uma norma divina que dá – ou tira – a cada um de acordo com sua **receptividade** e plano providencial. Então a ignorância é deixada e a realidade começa a ser entendida como ela é. Então eu sei que eu sou «**nada**» e Ele é «**tudo**»; então eu atuo, eu penso, e me sinto em conformidade.

Καλή Ανάσταση!

². LARCHET, J.C., *Terapêutica de Doenças Espirituais*, Op. Cit., p. 225.